
A MEDIAÇÃO DOS DISPOSITIVOS MÓVEIS NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS

Helenice Mirabelli Cassino Ferreira ()*

INTRODUÇÃO

As tecnologias móveis e ubíquas podem representar uma inovação nas práticas pedagógicas, ampliando os espaços/tempos de aprendizagem para além das salas de aula e corroborando as já instauradas dinâmicas de colaboração e interatividade, características da cultura digital vigente. Mas de que modo isso pode ocorrer? Que condições são necessárias para que essa aprendizagem aconteça? Que práticas podem ser inseridas nos processos escolares para favorecer essas dinâmicas? Como introduzir essas práticas sem que a “didatização” dos meios pese sobre a espontaneidade dos jovens estudantes? São perguntas que ainda confundem e angustiam aqueles que se propõem a estudar essas questões e estamos apenas começando a “puxar o fio da meada” que desfiará outras tantas perguntas. Mas as perguntas não querem respostas definitivas e servem apenas para orientar nossas preocupações e ações no sentido de procurar práticas mais condizentes com os tempos vividos.

Esse artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de doutorado que tem como foco entender de que modo a mediação dos dispositivos móveis instaura novos modos de significar a cidade e que implicações isso traz para os processos educativos de jovens na contemporaneidade. O estudo, situado no campo dos debates sobre cultura digital, juventudes e educação, e tendo como pressupostos teórico-metodológicos as ideias de alteridade, dialogismo e exotopia desenvolvidos por Bakhtin, vem sendo desenvolvido em uma escola da rede Municipal do Rio de Janeiro, através de oficinas, com alunos de sétimo ao nono ano, privilegiando as linguagens hipermidiáticas para criar narrativas a partir dos usos de dispositivos móveis.

Parto do princípio que se faz necessário situar os jovens estudantes como sujeitos historicamente constituídos e, assim, observar suas práticas culturais permite esse olhar que contextualiza seus modos de ser, mediados pelos diversos elementos – materiais e não materiais – que estão presentes em suas experiências cotidianas.

A cultura da mobilidade caracteriza o atual estágio da cibercultura, quando os dispositivos móveis e ubíquos fazem parte das ações cotidianas, principalmente dos moradores das grandes

(*) Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

idades. Dentro e fora da escola, a tecnologia móvel é hoje realidade para muitos jovens brasileiros, seja através do crescente uso de celulares ou de programas governamentais que começam a equipar as escolas públicas com os chamados *laptops educacionais*.

Novas tecnologias não promovem inovações em processos educacionais por si só, descoladas de suas apropriações pelos professores e de projetos que levem em consideração seus usos sociais. Em primeiro lugar, para que professores contemplem as tecnologias móveis em seus planejamentos é fundamental levar em conta se são ou não usuários de tais tecnologias. Não se pode pedir a professores que incluam tais procedimentos em suas práticas escolares se eles próprios não fazem usos de dispositivos móveis, ou fazem de forma limitada, pela falta de conhecimento ou de condições econômicas para arcar com os custos de equipamentos e tarifas de usos.

Por outro lado, se convergência, interatividade e mobilidade fazem parte dos modos de ser de jovens urbanos na contemporaneidade, é preciso entender que isso se constitui como cultura e é como cultura que poderiam ser incluídas nos modos de ensinar-aprender. As possibilidades que as tecnologias digitais trazem, fazem parte das relações com o conhecimento de jovens que já experimentam as dinâmicas desses novos contextos sociotécnicos. Além disso, os livros, o professor e a escola não são mais as únicas e legitimadas fontes de informação e conhecimento. Os saberes circulam e se constroem, cada vez mais, colaborativamente.

Os jovens que fazem parte dessa pesquisa são unânimes ao afirmar que para qualquer tipo de informação ou pesquisa escolar a primeira opção é sempre a internet. É nos ambientes virtuais que vão buscar seus pontos de partida para qualquer ação, desde as mais corriqueiras, como encontrar determinado endereço até as mais complexas, como a elaboração de textos ou apresentações escolares. Eles confiam na Rede e sentem-se à vontade exercendo seus papéis de exploradores. A esse respeito Guillermo Orozco Gómez (2006) observa:

Outra faceta da mudança diz respeito às fontes legitimadoras das aprendizagens. Antes, o livro que o professor trabalhava na sala de aula tinha a “última palavra”. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra quem tem são os sujeitos-audiência e seus olhos: “Se vejo na tela, acredito, é verídico; se não vejo, posso duvidar e desconfiar”. (p. 96).

Os caminhos para o conhecimento são também traçados pelo próprio aluno, que não apenas recebe, mas produz, compartilha e reconfigura informações e saberes. “O processo de aprendizagem, próprio do paradigma que possibilita a tecnologia informacional, ocorre por descobrimento (exploração), não por imitação (reprodução), como foi o caso predominante até agora em muitas culturas e na própria educação escolar”. (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 96-97). A dinâmica de

ensinar/aprender é, desta forma, dialógica, já que pressupõe a construção conjunta, a parceria entre os diversos sujeitos que estão nas redes, entre alunos e entre estes e o professor. A cultura da mobilidade pode contribuir ainda mais para as construções colaborativas e o sentido de pertencimento a redes interativas, já que a resposta pode ser imediata e o processo de comunicação mais intenso a partir do acesso contínuo.

ALTERIDADE, DIALOGISMO E EXOTOPIA NA PESQUISA

Alteridade, dialogismo e exotopia são conceitos que tanto orientam minha postura de pesquisadora nesse estudo como também ajudam a pensar as questões ligadas a práticas escolares que pretendem favorecer construções coletivas e ações colaborativas.

Embora as teorias de Mikhail Bakhtin tenham sido construídas em torno da produção literária, a aproximação e apropriação que fazemos delas para pensar a pesquisa nas ciências humanas nos ajuda a entender as especificidades da relação entre sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, e os discursos produzidos em decorrência de tal relação. O diálogo que se estabelece entre os textos de um e de outro é o que se constitui como material da pesquisa, expressando a diferença e a tensão entre os olhares, sem que um apague o outro.

A ideia de que não haja uma fusão de vozes ou olhares, mas que o caráter de diálogo permita que no mínimo duas vozes sejam ouvidas e com elas os espaços-tempos que lhes são próprios, traz para a pesquisa a riqueza do conceito de exotopia. Sob essa perspectiva, o pesquisador, de seu lugar exterior, procura entender o ponto de vista do pesquisado, tentando enxergar o horizonte deste, ao mesmo tempo em que situa seu pesquisado em um ambiente, como quem coloca uma moldura e, a partir dessa delimitação, dá sentido ao outro, oferecendo uma visão que não é acessível a esse outro (AMORIM, 2008).

Esse movimento de lugares e olhares abre espaço para um diálogo, que não é simétrico, em razão da posição exterior do autor ou do pesquisador, e que, portanto, não apaga uma ou outra posição. Bakhtin (2006) afirma que “nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente” (p. 366). É, portanto, um diálogo, que nem sempre é harmônico, mas que apresenta uma tensão própria da criação humana e altamente desejável, já que atesta a presença do outro.

É nesse sentido também, uma posição ética, na medida em que deixa transparecer os valores de um e de outro. Como pesquisador, a tensão exposta no texto aponta o lugar de onde falo

e a presença de um outro que me escapa, que não sou eu, mas que se apresenta através do texto que está dentro do meu texto. Ser o outro na relação de pesquisa e ter os jovens sujeitos como o outro permite a compreensão e a resposta. A resposta é, portanto a possibilidade de diálogo e de alteridade. Falar é falar a outros que falam e, portanto, respondem, trazendo o imprevisto e possibilitando o estranhamento.

Foi esse imprevisto que surgiu na pesquisa a partir do contato com os jovens alunos que fazem parte desse estudo e que direcionou meu olhar para a importância da comunicação móvel entre esses jovens e para a mediação dos dispositivos móveis na construção de conhecimento. Os sujeitos, aqui considerados em sua perspectiva sócio-histórica, são coparticipantes de todo o processo de pesquisa, na medida em que seus olhares e suas vozes trazem um conhecimento construído sobre a realidade vivenciada por eles e que só poderá se mostrar através dessas manifestações e da interpretação que o pesquisador fará delas.

Penso que para tentar compreender os jovens sujeitos da educação na contemporaneidade, preciso favorecer sua expressão em idiomas que sejam de seu uso cotidiano e com o qual tenham intimidade. Se os artefatos tecnológicos e o uso das imagens fazem parte de seus modos de comunicação, eles podem facilitar a interação pesquisador/pesquisado e, conseqüentemente, a construção de sentidos compartilhados. E ainda mais, se a explosão tecnológica alterou as formas de informação e comunicação e instaurou uma nova ordem desestabilizadora da produção de subjetividade e se os jovens estão vivenciando essa nova ordem, cabe a nós, educadores e pesquisadores, tentar entender essas alterações e considerar outras formas de ensinar/aprender, que venham se juntar àquelas já praticadas.

SER JOVEM NA CONTEMPORANEIDADE

O entendimento de juventude que trago para esse estudo é o de que a juventude (ou as juventudes) não pode ser definida por delimitações biológicas ou etárias, mas se constitui nos contextos de onde emerge e está inserida, tomando faces próprias em diferentes tempos históricos, grupamentos sociais e culturais. “O que chamamos de juventude não existe em abstrato”, aponta Carrano (2008), completando ainda que “Os jovens são sujeitos de um processo histórico concreto no qual há pesos, medidas, densidades, cores, cheiros, formas e conteúdos específicos”.

De acordo com Melucci (1997), a cultura contemporânea apresenta um tal excesso de possibilidades que, ampliando o limite do imaginário e da experiência, ao invés de ser uma realidade transmitida é cada vez mais uma realidade construída com representações e

relacionamentos. Os efeitos dessa ampliação são percebidos pelos jovens “[...] através de uma expansão dos campos cognitivo e emocional (tudo pode ser conhecido, tudo pode ser tentado); a reversibilidade de escolhas e decisões (tudo se pode mudar); a substituição de constructos simbólicos pelo conteúdo material da experiência (tudo pode ser imaginado)”. (MELUCCI, 1997, p. 10).

Os jovens pertencem hoje a uma pluralidade de redes e grupos e têm trânsito livre, entrando e saindo das diferentes formas de participação, de modo diverso das gerações anteriores e, assim, crescem também as possibilidades de informação, de comunicação e participação, modificando antigos referenciais sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída.

Kátia Almeida Tracy (2006), no texto *Nomadismos metropolitanos*, traça um perfil do jovem a partir do estudo de jovens urbanos em seus percursos de lazer noturno. A movimentação, que caracteriza a adjetivação “nômade” frequentemente imputada aos jovens em questão, é relatada nesse estudo que ressalta também a comunicação como fator fundamental nas relações estabelecidas.

No interior dos carros em movimento, nas pequenas rodas que se formam no posto, nas portas e [...] até mesmo no interior das boates, o celular é instrumento fundamental para o uso dos nômades que têm de estar constantemente em contato. Um dos jovens entrevistados no posto de gasolina aponta o papel estratégico do celular no contexto da *pré-night*: “celular não é pra conversar, é pra se achar. É pra usar na hora, é instantâneo”. (TRACY, 2006, p.118).

Essa passagem aponta para elementos constitutivos das subjetividades juvenis na contemporaneidade, que dizem respeito ao desejo de estar conectado com todos, o tempo todo. Nesse contexto, o celular e o *netbook* são dispositivos que possibilitam e favorecem esses fatores. As urgências de se informar imediatamente e de ter a possibilidade de se comunicar e de estar simultaneamente participando de diversas redes (de amigos e de acontecimentos) constituem-se hoje como formas de estar no mundo que não admitem as separações de tempo e de espaço dos tempos pré-digitais.

É interessante notar que as potencialidades e os usos das tecnologias se transformam tão rapidamente que novas formas de lidar com os dispositivos vão se configurando e modificando práticas e culturas. Assistimos atualmente a crescente utilização das redes sociais móveis, a partir do acesso à internet móvel. Em minha conversa com um grupo de alunas do sétimo ano, elas me confirmam que, mais do que falar ou enviar mensagens via SMS, sua principal forma de comunicação via celular é através das redes sociais, majoritariamente o Facebook. Isso se explica

tanto pela adesão total do grupo de amigos ao software, estabelecendo novas formas de relacionamento social, quanto pelos custos de ligações e dos “torpedos”, superiores ao acesso à internet.

Pesq. – Pra que é que vocês usam o celular?

Inês – Escutar música, entrar no Face, mensagens, ligar...

Pesq. – E o SMS, vocês usam bastante?

Inês – Já usei mais.

Pesq. – Por que é que “já usou mais”?

Inês – Tá um pouco caro e... todo dia gastar aquela quantia, acaba metade do mês a gente já não tem crédito. Aí fica um pouco difícil.

Pesq. – E aí, o que é que você usa mais?

Inês – Eu entro no Face, é a mesma coisa e...

Mariana – 50 centavos o dia!

Inês – É, e dá muito mais!

Pesq. – Como é que é?

Mariana – É 50 centavos por dia e você entra no Facebook e qualquer outra coisa na internet. Sendo o dia todo por 50 centavos.

MOBILIDADE NA CIBERCULTURA

Cibercultura pode ser entendida como a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais e nasce de uma apropriação das mídias digitais, dos usos que reconfiguram as lógicas comunicacionais, educacionais, econômicas, políticas, culturais. Não pode ser compreendida apenas como a cultura do ciberespaço. Ela está na cidade, nas associações entre humanos e não humanos, nos dispositivos eletrônicos de que fazemos usos no dia-a-dia, nos deslocamentos pelos lugares que marcamos com nossos rastros, na conectividade e ubiquidade e, sobretudo, nas novas subjetivações dos sujeitos que vivem a contemporaneidade.

André Lemos (2009a) situa a cultura digital a partir do desenvolvimento da microinformática, que coloca nas mãos de cada usuário o poder de produzir informação e que, cada vez mais, vai se tornando produção coletiva. Assim, temos hoje a ideia de que a produção e a divulgação (ou compartilhamento) de conteúdo acontecem de forma multidirecional, modificando profundamente nossas práticas de comunicação. Outro fator que incide nessa mudança é o desenvolvimento da internet móvel, que dilui as fronteiras entre ciberespaço e espaço físico ou “real”, além de potencializar a comunicação instantânea. O acesso “na palma da mão” faz surgir

novas formas de subjetivação dos sujeitos a partir de outros entendimentos espaços-temporais e reconfiguram as práticas sociais e os espaços públicos e privados.

Santaella (2010) destaca dois conceitos apontados por Dominique Carré (2004) envolvendo a mobilidade: a ubiquidade, que é coincidência entre o deslocamento e a comunicação, e a onipresença, que oculta o deslocamento permitindo ao usuário continuar as atividades mesmo estando em outros lugares. Ressalta, ainda, que ubiquidade não é sinônimo de mobilidade, mas designa o compartilhamento simultâneo de vários lugares (p. 17). Na mobilidade o deslocamento pode acontecer sem conexão, sem compartilhamento. Por outro lado, podemos estar dentro de uma zona de conexão sem que haja mobilidade. A ubiquidade está, desta forma, entre a computação móvel e a pervasiva, que se caracteriza por uma distribuição dos meios de computação por todo o ambiente, estando perceptíveis ou não.

Vivemos a era da conexão onipresente, que está sempre ativa mesmo quando os usuários não a estão utilizando e da mobilidade contínua – em permanente estado de disponibilidade (SANTAELLA, 2011). As tecnologias inseridas nos objetos e disseminadas nos ambientes, vão, desta forma, tornando-se cada vez mais imperceptíveis, como aponta a autora quando observa que “*Os computadores livram-se das caixas e estão começando a tornar-se um aspecto dos ambientes*” (ibid., p.136) e corrobora o pensamento de Weiser: “The most profound technologies are those that disappear. They weave themselves into the fabric of everyday life until they are indistinguishable from It”¹ (WEISER, 1991).

Em 2007 Santaella apontava para o fato de que “*o ciberespaço introduziu formas inéditas de mobilidade*” (p. 183), tanto pelo trânsito simultâneo e ininterrupto de linguagens quanto pela própria movimentação necessária do usuário saltando de site em site, de informação em informação. Para a autora (2010), “[...] os espaços ubíquos intensificam a potência inata da mente para a fluidez, pois permitem que múltiplas realidades desfilam de modo simultâneo em nossa mente” (p. 18). Essa capacidade de se entender participante de diversos acontecimentos simultâneos em lugares diferentes certamente não é nova, mas se intensifica a partir do desenvolvimento e popularização das redes móveis de telecomunicação.

A partir das tecnologias móveis a definição de mobilidade assume mais uma face, além do movimento de um corpo no espaço e da mudança de status social, pois passa também a caracterizar o movimento na interface entre espaço físico e ciberespaço, próprio das cidades contemporâneas.

¹ O autor refere-se ao fato de que as tecnologias mais profundas, que operam maiores transformações nas sociedades, são aquelas que se tornam invisíveis ou desaparecem ao entrelaçar-se com a vida cotidiana até tornarem-se indistinguíveis desta.

André Lemos (2009b), porém, observa que “a mobilidade é inerente ao homem, sendo correlata à necessidade de criar um lugar no mundo”, e que, portanto, “a cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas” (p. 28), defendendo, ainda, que a cultura da mobilidade é uma cultura locativa.

A questão da mobilidade é central para a discussão sobre o espaço urbano [...]. Hoje, a cidade informacional do século XXI encontra na cultura da mobilidade o seu princípio fundamental: a mobilidade das pessoas, objetos, tecnologias e informação sem precedentes. (p. 28).

O autor aponta três dimensões da mobilidade: a do pensamento, a física e a informacional-virtual, ressaltando a inter-relação entre essas dimensões. Afirma, ainda, que não é possível dissociar comunicação, mobilidade, espaço e lugar, já que “a comunicação é uma forma de ‘mover’ informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade, espacialização”. (LEMOS, 2009b, p. 29).

É dessa forma que entendo que o estudo que aborda as questões relativas à mobilidade envolve produções de sentido e espacialização, encontrando nas ideias de “sentidos de lugar” (LEMOS, 2009b) e “lugares de sentido” motivação para pensar os jovens sujeitos da contemporaneidade em suas relações com a cidade, com a cultura, com a educação.

MEDIAÇÃO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS E PRÁTICAS DE ESCOLARES

Os jovens dessa pesquisa fazem parte de uma geração que cresceu em contato intenso com aparelhos eletrônicos e com as tecnologias digitais e essa mediação caracteriza as experiências sociais desses sujeitos. Bruno Latour (1994) e John Law (1992) apresentam a ideia de híbridos humanos e não humanos, e argumentam que o social se constitui numa rede heterogênea de associações entre os diversos atores envolvidos, incluindo aqui os espaços, os objetos e os contextos, e não apenas os sujeitos². Entender o social a partir das mediações materiais e culturais nos permite enxergar nos processos tecnológicos o encontro entre natureza e cultura.

É importante notar que o sentido de rede aqui adquire uma especificidade que caracteriza essa teoria. Latour (1994) argumenta a respeito dos processos híbridos de atores humanos e não-humanos, apontando que não há um *a priori*, mas a ação se constrói na relação desses híbridos e que é a rede configurada por sujeito, objeto, ambiente, etc. que produz sentido.

² Essas ideias estão na base da Teoria Ator-Rede e são mais detalhadas em outro texto: Ferreira, 2010.

Durante o desenvolvimento das oficinas, várias foram as situações observadas de como a mediação dos diversos atores constitui as ações cotidianas na escola, além de caracterizar o próprio modo de ser jovem na contemporaneidade e os modos de ser aluno naquela escola. A forma como eles se distribuem no espaço da sala, a familiaridade com códigos e normas dos usos dos *netbooks*, a intensidade desses usos, a presença ou ausência de conexão Wi-Fi, a permissão ou não para se conectar a redes sociais, o uso dos celulares etc.



A utilização do fone de ouvido, do mouse ou do *touchpad* caracteriza e diferencia as ações de cada aluno.

De acordo com Lemos (2010a), toda mediação “*nos joga no cerne da cultura material. Nossa relação com o mundo passa sempre por um mediador artificial (linguagem, artefatos, instituições)*”. Para o autor, a mediação está diretamente relacionada às formas materiais e depende do modo pelo qual o processamento, a troca, o consumo ou a produção infocomunicacional se dá entre os atores. Está, dessa forma, próxima aos conceitos de mediação formulados por Jesús Martín-Barbero e por Bruno Latour. Para o primeiro, o contexto precisa ser levado em conta e assim, os usos, as apropriações, a cultura, se interpõem entre meios e mensagens; para o segundo, é primordial entender que a ação dos agentes – humanos e não humanos – interfere na percepção e nos usos.

O “social que surge das associações” pode ser percebido a partir da mediação dos dispositivos móveis conectados, que marcam os lugares com os rastros de suas passagens. As mensagens deixadas pela jovem em sua página do Facebook, ao final do recreio, ou mesmo a imagem produzida durante a aula, permitem dar novos sentidos aos lugares da escola, enchendo-os de significado compartilhado com sua rede de amigos.



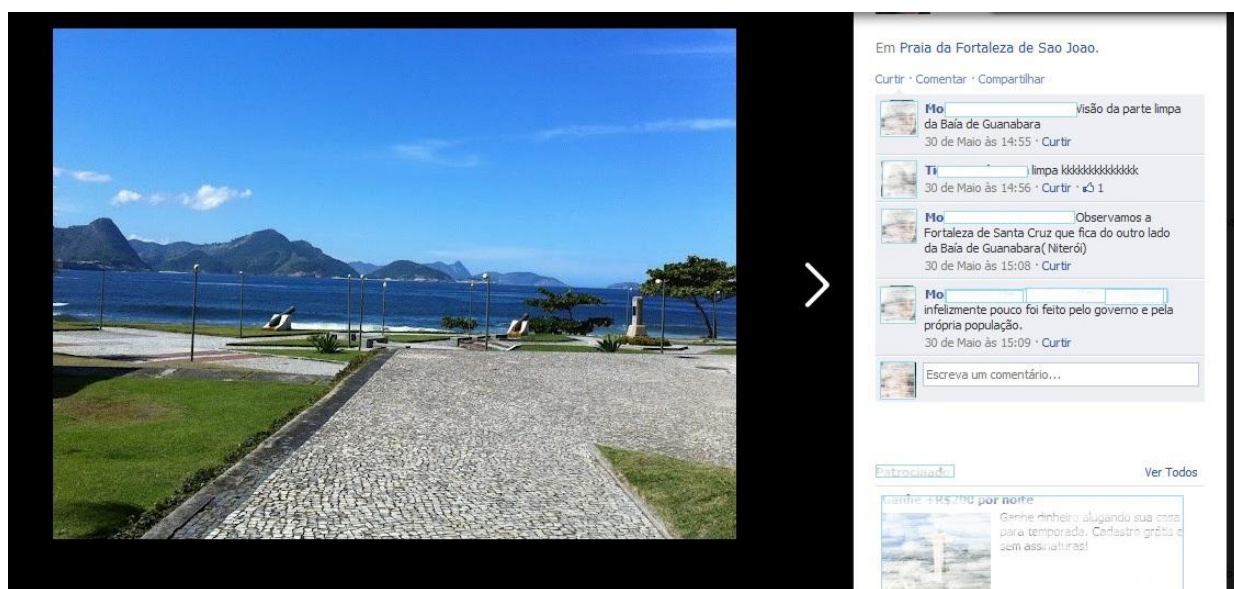
Durante o desenvolvimento da pesquisa na escola tem sido possível observar a importância dada pelos alunos aos usos de aparelhos celulares, dentro e fora da escola, e do *netbook* nas atividades escolares.

Os alunos gostam de utilizar os *netbooks* e preferem seu uso ao dos *desktops*, existentes na sala de informática. Seria apenas pela possibilidade de uso individual? Ou pela novidade dos aparelhos? Ou será que o computador de mesa já é objeto “ultrapassado” e as lógicas de portabilidade são mais interessantes e intuitivas para jovens sujeitos que vivem os contextos contemporâneos? Com certeza são muitos fatores envolvidos, mas acredito que essa última hipótese é bastante forte para justificar sua preferência. Os *netbooks* são pequenos, fáceis de carregar, de pegar, de levar para o “seu lugar”. Não é preciso ir para um local demarcado e sentar-se à frente de uma máquina “imóvel” para acessar o ciberespaço. O aparelho portátil facilita a interface entre a sala de aula e o mundo, e confere outros sentidos ao espaço escolar.

As atividades desenvolvidas durante o estudo têm buscado estabelecer relações entre o dentro/fora da escola, mediados pelos dispositivos móveis de comunicação. Com a proximidade do evento Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento sustentável, realizada no Rio de Janeiro, de 13 a 22 de junho de 2012, a escola onde a pesquisa acontece estava mobilizada em torno do evento e fui convidada a participar do projeto sobre a Baía da Guanabara, junto com os professores de português, geografia e ciências. Diversas atividades foram desenvolvidas, como a visita à Fortaleza de São João, na Urca, a ida ao Museu do Meio Ambiente, no Jardim Botânico, a criação de histórias em quadrinhos em site próprio para esse fim, além da criação de um blog e de um grupo no Facebook.

Embora professores e alunos demonstrem interesse em incluir as tecnologias informacionais em suas práticas e fiquem mobilizados para realizar projetos que utilizem as linguagens

hipermidiáticas, percebo que ainda existem barreiras que dificultam esses usos. O limite entre o “que é didático” e o que não é parece incomodar tanto professores como alunos. Se de um lado, alguns professores ainda não se sentem confortáveis, não dominam as linguagens e se preocupam com a informalidade dos meios, os alunos resistem, talvez com medo de que a escola e toda a sua formalidade “invada sua praia”. Isso ficou claro em relação à criação do grupo no Facebook. A criação do grupo foi sugestão dos próprios alunos, para facilitar a postagem de imagens e comentários a partir dos celulares. Porém, a participação pró-ativa dos alunos tem sido pequena. O grupo teve grande adesão por parte de toda a escola (e não somente dos alunos que participaram do projeto), e conta atualmente com 114 membros, mas poucos contribuem para a discussão, embora todos acessem regularmente, como posso perceber por seus comentários na escola. Será “mico” participar de uma atividade ligada ao conteúdo escolar? De qualquer forma, a participação tem se intensificado aos poucos e as mensagens colocadas pelos alunos, mesmo que de forma tímida, apontam para a possibilidade de diminuir as distâncias entre o que se vive dentro e fora da escola.

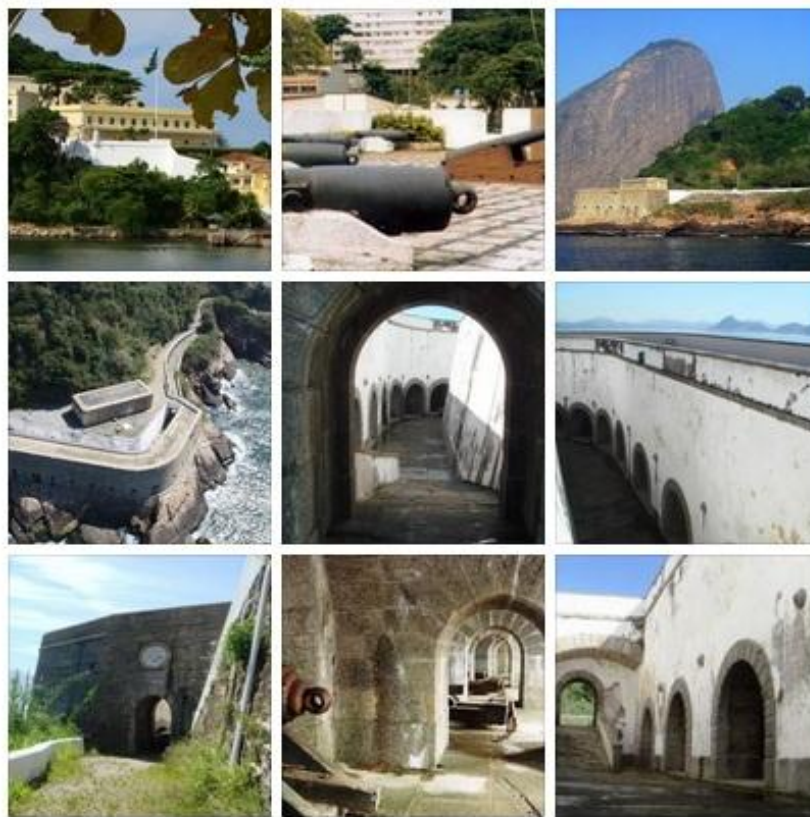


Uma das questões do Projeto era ver o que foi feito de 1992 até hoje.



João.

adicionou fotos ao álbum 1703 e 1702 Fortaleza de São



Curtir · Comentar · Seguir publicação · 15 de Setembro às 17:34

O grupo continuou a ser alimentado por postagens de outras turmas, em outros passeios.

O uso do aparelho celular para registrar tudo o que acontece através de imagens é uma prática que parece estar totalmente inserida nos modos como os jovens se comunicam. As falas a seguir corroboram minha escolha pelas atividades com fotografias e micrometragens como procedimento de pesquisa e também como proposta para os usos dos celulares nas atividades escolares.

Pesq. – Em relação ao uso do celular, vocês acham que é possível usar o celular, de alguma forma, pra construir conhecimento, pra aprender alguma coisa?



adicionou 6 fotos ao álbum "Arquivos de dispositivos móveis".
há 5 horas



Inês, Mariana – Sim.

Pesq. – De que maneira?

Mariana – Você pode pesquisar qualquer coisa no Google. Tendo celular, computador, *netbook*, em qualquer lugar você consegue pesquisar no Google.

Myra – Tudo sobre o que você quer.

Pesq. – E se vocês tivessem que bolar alguma atividade, por exemplo, algo que vá usar o celular, vocês conseguem imaginar alguma coisa?

Stefanie – Filmagem. Às vezes a gente não leva câmera pra todos os lugares e a gente tem sempre o celular.

Myra – Tirar foto.

Mariana – Coisas importantes que acontecem. Você esquece a câmera em casa, mas você tem o seu celular com a câmera e você tira foto, filma, você faz o que quiser. Coisas que acontecem, assim absurdas, que a pessoa pega o celular e grava. Mesmo a imagem tando ruim você escuta as coisas que acontecem.

Pesq. – E vocês usam muito o celular pra fazer imagens?

Inês – Demais!!!

As tecnologias de telefonia celular continuam ampliando as possibilidades de uso das linguagens hipermidiáticas, levando o aparelho a desempenhar uma série de funções e conferindo a seus usuários uma potência de ação e de presença impensáveis até então. Nesse sentido, cabe aqui a reflexão de Rosângela Fedoce (2012):

As mídias móveis destacam-se no mercado atual de tecnologias, promovendo interatividade e ubiquidade nos processos comunicacionais. No metrô, na lanchonete, no parque ou na fila de espera, é possível ler livros, trocar mensagens, acessar as redes sociais, conferir o extrato bancário e, por que não, estudar?



Seria possível pensar que, ao invés de proibir os celulares nas escolas, como querem as leis de diversos estados³, pudéssemos incorporá-los, como aparelhos que agregam valor e abrem possibilidades em contextos educacionais?

³ Sobre isso ver Projeto de Lei 2246/07. Disponível em: <<http://www.panoramabrasil.com.br/educacao-proibe-uso-de-celulares-em-escolas-de-ensino-basico-id29328.html>>. E Lei 5.222/08. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/b24a2da5a077847c032564f4005d4bf2/f4ec6ce30c8857488325742b006b42cc?OpenDocument>>.

Nessa imagem, alunos recorrem à internet pelo celular para procurar imagens dos Arcos da Lapa que serviram de referência ao desenho que queriam fazer para determinada atividade de releitura de crônicas sobre o Rio de Janeiro.

Ao analisar os usos de aparelhos celulares por jovens chilenos, Artopoulos (2011) aponta as práticas de subversão das normas impostas pelas instituições escolares – escutar música, captar vídeos das aulas ou professores de forma não autorizada ou ainda servir-se das potencialidades técnicas dos aparelhos para desenvolver formas de cola – que, invariavelmente são reprimidas e geram novas formas ainda mais sofisticadas de transgressão dos limites. O autor observa que as ações juvenis “*são recebidas como um ataque direto à forma tradicional com que se executa a prática educacional*” (p. 45). Talvez devêssemos entender que tais práticas anunciam os caminhos que o nosso tempo histórico demanda e pudéssemos criar, junto com os jovens estudantes, códigos de ética e de valores e metas para aprendizagens significativas.

Pensar as práticas escolares, hoje, requer olhares diferenciados e que contemplem a diversidade de acontecimentos e de aspectos culturais, tecnológicos, econômicos que vêm operando mudanças nas sociedades contemporâneas e nos modos de subjetivação dos sujeitos.

Discorrendo sobre o lugar que a escola ocupa na socialização da juventude contemporânea, Dayrell (2007) afirma que

[...] Na escola ainda domina uma determinada concepção de aluno gestada na sociedade moderna. Nesse momento, havia uma clara separação da escola com a sociedade, com a primeira sendo considerada espaço central de socialização das novas gerações, responsável pela inculcação de valores universais e normas que deviam conformar o indivíduo e, ao mesmo tempo, torná-lo autônomo e livre (DUBET, 1994). Quando o jovem adentrava naquele espaço, deixava sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos (p. 1.119).

Hoje, porém, afirma o autor, “*a escola também assiste a um ruir dos seus muros, tornando-se mais permeável ao contexto social e suas influências*” (DAYRELL, 2007, p. 1.115) e é “*invadida pela vida juvenil*”. Assim, tornar-se aluno consiste em contribuir com sua experiência e atribuir um sentido a esse trabalho. Se os conflitos e as contradições de uma sociedade que exclui e que se mostra violenta e desigual atravessam os muros escolares, da mesma forma as novas dinâmicas culturais vão lentamente rompendo as separações e exigindo novas concepções de educação para acolher os sujeitos culturais de nosso tempo.

Mas esse processo também é cheio de conflitos e contradições e reflete as relações econômicas da sociedade - excludente e desigual. As principais limitações que os jovens enfrentam nos usos das tecnologias móveis estão diretamente ligadas às questões econômicas, como aparece em minha conversa com as alunas do sétimo ano:

Pesqu. – O seu celular é o que, pré-pago ou pós pago?

Inês – Pré-pago. A minha mãe coloca por mês, coloca 12 reais e durante o mês... é... tem que render esses 12 reais!

Mariana – Tem que por crédito, assim, mesma coisa que o dela, tem que por crédito pra poder entrar na internet, fazer ligações pros números também.

[...]

Mariana – Assim... eu acho agora que é meio difícil as pessoas usarem celular pra ficar ligando pra mim.

Pesq. – Por quê?

Stefanie – Porque não têm crédito!! (risos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo vem apontando para a importância de se considerar nos processos de ensinar-aprender, as mediações estabelecidas por uma série de artefatos digitais que povoam os cotidianos juvenis, dentro e, principalmente, fora das escolas. Como crianças e jovens relacionam-se com o conhecimento mediado pelos dispositivos tecnológicos de seu tempo? É impossível separar sujeitos e dispositivos numa sociedade midiática, já que o entendimento que temos de nós mesmos, do outro e do mundo passa pela mídia.

A entrada no campo permitiu observar a facilidade com que os jovens manuseiam os dispositivos e descobrem suas funcionalidades e constatar que a conectividade é fator relevante em suas ações cotidianas. Embora a condição financeira das famílias de alguns desses jovens não lhes permita o uso das redes móveis e locativas, seus modos de ser são constituídos a partir do referencial da cultura da mobilidade. Essa cultura permeia nossa sociedade, instaura desejos e reflete os modos de agir e pensar dos sujeitos contemporâneos.

O aparelho celular, hoje, conjuga uma série de funções e se insere de forma expressiva nas vidas de todos os sujeitos. Os aparelhos tornaram-se menores, porém mais potentes, permitem o acesso à *web*, tornaram-se dispositivos de geolocalização, incorporaram as práticas de socialização através dos aplicativos de acesso às redes sociais da internet, permitem produzir, enviar e receber imagens, além de mensagens escritas, ouvir música, agendar eventos, jogar e muito mais!

A produção social dos espaços a partir dos usos das tecnologias móveis ganha cada vez mais destaque nos cenários atuais, que têm na hibridação de linguagens uma tendência irreversível.

A trajetória dos hibridismos revela que sua tendência é se expandir. Tanto isso é verdade que não pode haver uma caracterização mais ajustada do que híbrida para a natureza das culturas do nosso tempo. Do mesmo modo, desde a revolução industrial que, no mundo da linguagem, fez emergir o jornal, seguido do cinema, do rádio e da televisão, a tendência das mídias tem sido a de crescente hibridação de linguagens, numa direção que a revolução digital está cada vez mais explorando no limite de suas possibilidades. Prova recente disso encontra-se na mistura inextricável entre o físico e o virtual que os dispositivos móveis permitem. (SANTAELLA, 2010, p. 95).

A hibridação de linguagens associada à mobilidade ubíqua produz rearranjos urbanos que incidem sobre as formas de socialização dos sujeitos, sobre suas subjetividades e processos cognitivos. Os usos de celulares e *smartphones* pelos sujeitos em seus deslocamentos pela cidade reforçam as novas dinâmicas que envolvem espaços públicos e privados e reconfiguram nossa relação com a cidade a partir da mediação dos dispositivos. A adesão da escola a esse universo comunicacional, aproveitando o repertório juvenil que já está sendo construído nesses usos, poderá potencializar as ações da escola e revitalizar suas práticas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ARTOPOULUS, Alejandro. Notas sobre a cultura juvenil móvel na América Latina. In: BIEGUELMAN, Giselle e LA FERLA, Jorge. (Org.). *Nomadismos tecnológicos*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento*: Revista da Faculdade de Educação da UFF. Juventude, Educação e Sociedade. Editora DP&A. n. 1, maio, 2000, p.11-27. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1086>.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Educação & Sociedade*, Vol.28, n.100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.
- FEDOCE, Rosângela Spagnol, SQUIRRA, Sebastião Carlos. A tecnologia móvel e os potenciais da comunicação na educação. In: *LOGOS, Comunicação & Universidade*, edição 35, vol.18, n.2, p. 267-278, 2011.
- FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. Jovens e mídias: modos de mediação tecnológica e produção de conhecimento. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO – DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, III. *Anais...* Niterói: UFF, agosto de 2010.
- LATOUR, B. On technical mediation. Philosophy, sociology, genealogy. In: *Common Knowledge*, fall, v. 3. n. 2, 1994. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/articles/article/54TECHNIQUES-GB.pdf>>. Acesso em: jun. 2012.
- LAW, J. Notes on the theory of the actor-network: ordering, strategy and heterogeneity. In: *Systems Practice*5(4): 379-393. 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf>>. Acesso em: jun. 2012.
- LEMOIS, André. Ciberultura como território recombinate. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson. (Orgs.). *A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú cultural, 2009a. Disponível em: <[http:// abciber.org/publicacoes/livro1](http://abciber.org/publicacoes/livro1)>. Acesso em: fev. 2011.
- _____. Cultura da mobilidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 40, 2009b.
- _____. Você está aqui! Mídias locativas e teorias “Materialidades da Comunicação” e “Ator-Rede”. In: ENCONTRO COMPOS, XIX. UFRJ, Rio de Janeiro, 2010a.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, p. 5-14, 1997.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. As ambivalências das mídias móveis e locativas. In: BIEGUELMAN, Giselle; LA FERLA, Jorge (Orgs.). *Nomadismos tecnológicos*. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- TRACY, Kátia Alemida. Nomadismos metropolitanos. In: ROCHA, Everardo et al. (Orgs.). *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Mauad Ed., 2006.
- WEISER, M. The computer for the 21st century. In: *Scientific American*, 265(3):66-75, January, 1991.

RESUMO

O texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que pretende investigar se a mediação dos dispositivos móveis pode ressignificar a relação que jovens alunos mantêm com o ensino escolar, fazendo uso de narrativas que privilegiem as linguagens hipermidiáticas. A cultura da mobilidade caracteriza o atual estágio da cibercultura, quando os usos de dispositivos móveis e ubíquos constituem os modos de ser dos sujeitos na contemporaneidade, principalmente de jovens moradores das cidades. Situado no campo dos debates sobre juventude, cultura digital e educação e tendo Bakhtin como principal interlocutor teórico-metodológico, o estudo está sendo desenvolvido através de oficinas de produção de imagens sobre a cidade, em escolas do ensino público do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Educação. Cultura da mobilidade. Linguagens hipermidiáticas.

ABSTRACT

The paper presents the partial results of a research that aims to investigate whether the mediation of mobile gadgets can create different meanings to the relationship that young students have with school education, making use of narratives that privilege hypermedia languages. The culture of mobility characterizes the current stage of cyberculture, when the uses of mobile and ubiquitous gadgets constitute the subjects in contemporary, mostly young urban residents. Situated in the field of discussions on youth, digital culture and education, and having Bakhtin as the main theoretical-methodological interlocutor, the study is being developed through workshops that stimulate the production of images of the city, in public schools in Rio de Janeiro.

Keywords: Education. Mobility culture. Hypermedia languages.